

DEBATE

A CRISE DO MUNDO ATUAL E A PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Vera Irma FURLAN*

A deterioração do meio ambiente, colocando em risco a vida na terra, pode ser considerada apenas uma das muitas facetas da crise mais ampla que vivemos atualmente. O desemprego, a fome, as doenças e a miséria se agravam a cada dia, principalmente nos chamados países não desenvolvidos. A violência, os crimes, a marginalidade e os fanatismos se proliferam planetariamente. Enfrentamos dificuldades cada vez maiores no relacionamento com as pessoas no casal, na família, na vizinhança, no trabalho, na escola.

Ao mesmo tempo verificamos um desenvolvimento sem precedentes do poder intelectual, científico, tecnológico que contrasta tragicamente com a ausência de respostas satisfatórias para nossas questões mais urgentes. A crise, portanto, é profunda, pois parece que não temos a sabedoria necessária para a superação dos problemas que a humanidade mesma criou. É uma crise de respostas, pois as existentes se mostram insuficientes, parciais, limitadas. Crise dos paradigmas.

(*) **Vera Irma Furlan** é jurdicaense, professora do Instituto de Filosofia da PUCCAMP, doutoranda na UNICAMP com um projeto sobre a perspectiva ecológica na educação (área de Filosofia da Educação).

O paradigma é uma perspectiva, uma postura de vida. Estabelece referências não somente do conhecimento, mas também dos valores, crenças, relacionamentos. É o que está por trás do sentir, pensar, agir, do "ser-no-mundo". É criado pelo processo histórico da humanidade, podendo, portanto, ser transformado por ela.

Diante da crise dos paradigmas existentes, esboçam-se novas posturas, novas perspectivas. E o que está se delineando no presente não é algo totalmente inovador ou completamente diferente de tudo o que se conhece, o que se sabe. O paradigma emergente - O ECOLÓGICO - representa uma síntese das respostas já existentes, mas numa perspectiva global e integrada, exigência de uma realidade que se apresenta complexa, múltipla e em constante processo de mudança.

A crise que vivemos, portanto, é antes de tudo uma crise de percepção do mundo. Viciados em um "jeito de sentir, pensar e agir" que separa o corpo da mente, acabamos por nos distanciarmos de nós mesmos (do nosso corpo, emoções, sentimentos, mistérios), das outras pessoas, dos outros seres, da Terra, do Universo. Acostumados com este distanciamento, acabamos nos identificando apenas com a razão, super valorizando-a em detrimento dos outros aspectos do nosso ser.

Esta maneira "desfocada" de ser se desenvolveu basicamente a partir da revolução científica do século XVII. Com as descobertas de Galileu (fundamentadas pelo filósofo e matemático Descartes) e mais tarde de Newton, o universo passa a ser visto como uma gigantesca máquina composta de partes separadas cujo funcionamento mecânico é explicado nas suas relações de causa e efeito (paradigma cartesiano-newtoniano).

Com a fragmentação da visão de mundo, deixamos de considerar o corpo em todas as suas manifestações como fonte possível de conhecimento. E sob o reinado da razão o conhecimento passa a ser concebido predominantemente como instrumento de poder e controle.

Os primeiros sinais que apontaram os limites desta concepção foram desencadeados no início do século XX pelos

físicos responsáveis pelo desenvolvimento da teoria da relatividade e pela teoria quântica (Planck, Einstein, Bohr, De Broglie, Schrodinger, Pauli, Heisenberg, Dirac). Preocupados em conhecer o universo subatômico, perceberam que o referencial da ciência clássica newtoniana se apresentava insuficiente e inadequado. Diante de questões colocadas à natureza as respostas se apresentavam paradoxais. Aos poucos foram percebendo que num mundo complexo, múltiplo e dinâmico, a realidade é constituída de opostos contraditórios complementares não excludentes. Perplexos descobriram também que esta visão tem tudo a ver com o modo de conceber o mundo das tradições místicas milenares do oriente.

Para o paradigma cartesiano-newtoniano (universo mecânico) os fenômenos somente se relacionam em cadeias de relação de causa e efeito (relações lineares). Não admite antagonismos e contradições na realidade. O homem, enquanto sujeito do conhecimento se separa da natureza (objeto do conhecimento) para poder estudá-la com objetividade. Além disso só é considerado verdadeiro o que pode ser provado por processos lógicos e experimentais sacramentados pelas referências desta concepção.

Sendo assim, tudo pode ser explicado pela ciência. Os mistérios da vida, os paradoxos vividos pelos homens são apenas o "não conhecido". Parte-se, também, do pressuposto que os recursos da natureza e o chamado "progresso" são infinitos e, portanto, jamais se esgotarão. O que justifica a voracidade, o desejo desenfreado de dominação e exploração da natureza e do trabalho dos próprios homens.

Diante da complexidade da crise que estamos vivendo somente uma perspectiva mais abrangente pode apontar caminhos mais abrangente pode apontar caminhos mais satisfatórios. O paradigma ECOLÓGICO, também chamado HOLÍSTICO ("holos", do grego, significa todo, inteiro), antes de se opor aos avanços da ciência e da técnica, incorpora-os numa visão de totalidade em que as contradições não são consideradas como excludentes, mas complementares. O sujeito e o objetivo são dois polos que se interrelacionam no processo do conhecimento, pois o homem faz

parte do próprio universo que ele quer conhecer: é um microcosmo no macrocosmo.

O mundo é percebido como um organismo vivo. É um todo integrado (sistema) muito maior que a simples soma das partes. Há uma interrelação e interdependência de todos os fenômenos, sejam eles biológicos, psíquicos, sociais e ambientais. É profundamente dinâmico, flexível, aberto às mudanças.

O prefixo ECO (do grego, "oikos") apresenta vários significados: casa, bem doméstico, meio natural, ambiência, ambiente. Relaciona-se, assim à mãe, à mulher, ao feminino ("yin", na linguagem do oráculo milenar chinês "I CHING"). Sua atividade é receptiva, consolidadora, cooperativa. O caminho do feminino é a intuição, complementada pela razão ("yang", o masculino na linguagem do oráculo).

A condição que se coloca para o reequilíbrio do universo é o resgate da conexão do ser humano, em primeiro lugar, consigo próprio. De volta para casa, para a nossa primitiva morada que é o nosso próprio corpo. Reconectar-se com o intuitivo, emocional, sentimentos, sensibilidades, afetividades. E este reencontro se dá, ao mesmo tempo, na nossa relação com as outras pessoas, com os outros seres e com o universo: consciência íntima...

As grandes e efetivas mudanças só ocorrem num processo em que as transformações individuais produzem transformações coletivas e vice-versa. A ECOLOGIA exigida pelo nosso tempo é, portanto, RADICAL E PROFUNDA. É espiritual considerando religião como "religare" no sentido de ligar, integrar fortemente, intensamente.

A educação ecológica que necessitamos é muito mais no sentido do reaprendizado da sensibilidade, do afeto, da percepção. Aprender a aprender... Aprender à maneira do artista, que "curte" o processo do desabrochar das diferenças na solidariedade com tudo e com todos.

Aprender a perplexidade. **"Per-plexo está aquele que se abre à estranheza do presente, aquele que ama a trama. Nesta**

entrega, aquele que tece é também tecido na rede de um real em constante mutação" (Nancy Mangabeira Unger).

NOTA: Este artigo foi inspirado no pensamento dos seguintes autores, entre outros:

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação.** A ciência, a sociedade e a cultura emergente. S. Paulo, 1989.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Campinas-SP, Papirus, 1990.

MIGLIORI, Regina. **Paradigmas da Educação.** S. Paulo, Aquariana-Instituto Holístico de Educação e Cultura, 1993. Vol. 1, Série Visão de Futuro.

UNGER, N. M. **O encantamento do humano.** Ecologia e Espiritualidade. S. Paulo, Loyola, 1991.

WILBER, K. **A consciência sem fronteiras.** S. Paulo, Cultrix, 1991.